



## ALEX ARAÚJO ENTREVISTA ÉRICA DANIELLE SILVA PERCURSOS SOBRE O DISCURSO

Érica Danielle Silva é doutoranda em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá, na linha do Texto e do Discurso e integrante do Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM – GEDUEM (UEM/CNPq). Entrevistada em julho de 2014, no início de seu estágio sanduíche em Paris, Érica contou um pouco de seu percurso acadêmico, sua pesquisa e as expectativas para as pesquisas na França.

---

**Alex Araújo:** Fale um pouco sobre a sua inserção no campo da Análise de Discurso. Como foram os primeiros contatos com esse campo teórico? E os primeiros trabalhos?

**Érica Silva:** No penúltimo ano da graduação fui convidada pela professora Ismara Tasso para participar de um projeto de pesquisa, vinculado ao Grupo de Estudos em Análise de Discurso da UEM – GEDUEM/CNPq. Aceitei o desafio de adentrar nesse terreno movediço do discurso e, aos poucos, começava a se formar uma colcha de retalhos de conceitos, provocações e inquietações: sujeito marginalizado, efeitos

de sentido, identidade, diferença, normalização, saber, poder, inclusão, exclusão e cidadania. E o que até então eram somente “charges animadas que passavam na televisão”, as vinhetas televisivas passaram a ser objeto de estudo.

A abordagem do Projeto de Iniciação Científica (PIC), então, inseriu-se em uma das linhas temáticas do projeto de pesquisa mais amplo, então coordenado pela profa. Ismara e pelo prof. Pedro Navarro: a imagem do cidadão brasileiro marginalizado. As primeiras pesquisas centraram-se nas vinhetas televisivas, estilo charge, que tinham Cambito como personagem principal. Cambito representava as crianças brasileiras marginalizadas, de baixa renda. A personagem foi criada em 2001, pelo cartunista Otávio Rios, para o Portal Viva Favela, projeto de inclusão social que conta com uma equipe de jornalistas e correspondentes que moram em favelas.

No entanto, logo as inquietações se voltaram para a representação de outro sujeito, também “marginalizado”, o

sujeito com deficiência. Anunciava-se aí a construção de um caminho teórico e metodológico que resultou na produção da monografia de conclusão de curso da graduação em Letras, apresentada em 2007, sob a orientação da profa. Ismara. Quatro vinhetas, que representavam a inclusão de pessoas com deficiência pelo esporte, exibidas na rede Globo de Televisão, entre 2006 e 2007, foram tomadas como materialidade de análise.

Uma coisa ficou bem clara desde o início: posicionar-me contra ou a favor da inclusão de pessoas com deficiência, nos mais diversos espaços sociais, não seria meu objetivo. A questão norteadora era (e de certa maneira ainda é) compreender o modo como o sujeito com deficiência é representado no interior de práticas discursivas midiáticas brasileiras. E a tomada dessa posição implicava desfazer-me das evidências de sentido e atentar-me para a inscrição do político e do social na linguagem verbal e imagética, cujo “batimento” descritivo-interpretativo, que considera o discurso

tanto em sua estrutura quanto em relação ao acontecimento que lhe dá origem, conforme nos ensina Pêcheux, transita entre o filosófico e o linguístico.

Na ânsia das exigências do movimento em prol da inclusão de pessoas com deficiência em diversos espaços sociais, a veiculação de diversos produtos da mídia televisiva, cuja temática versa sobre políticas inclusivas, passou a chamar a atenção. Levantei um amplo quadro de materialidades tanto da mídia impressa como da televisiva, veiculadas entre 2003 e 2009: propagandas e campanhas institucionais, reportagens, trechos de novelas, minisséries e capas de revista, entre outros. E essa busca não foi solitária. Tive a sorte de contar com grandes amigos do GEDUEM que se lembravam de mim todas as vezes que se deparavam com uma pessoa com deficiência na mídia e faziam questão de compartilhar “o achado”.

**A. A.: E como todo esse material foi organizado?**

**É. S.:** Esse foi o principal desafio na fase do mestrado. Depois de muitas “idas e vindas”, estabeleci um recorte temporal e tipológico: seriam contempladas, no trabalho dissertativo, produções do período entre 2006 e 2009, as quais discursi-



alizavam a representação da identidade da pessoa com deficiência a partir da prescrição de condutas sociais, políticas e éticas a serem vividas no relacionamento entre o normal e o deficiente. Seriam trazidas para a parte teórica imagens fixas e para a análise, imagens efêmeras.

No entanto, para discutir sobre sujeitos com deficiência, era preciso saber quem são esses sujeitos. Buscando traçar uma breve historicidade do corpo anormal, visualizamos três domínios que apontam regimes de visibilidade, que criaram condições de possibilidade para o reconhecimento e o tratamento do corpo deficiente na/pela história: (a) a monstruosidade do corpo, (b) o perigo do corpo ocioso e (c) a institucionalização do corpo.

Os produtos televisivos separados para a análise formavam um conjunto heterogêneo e disperso de enunciados. Era

preciso, então, debruçar-se sobre as relações possíveis entre os enunciados e estabelecer séries enunciativas. Chegamos, então, a três grandes polos de predominância: a) a naturalização da deficiência; b) as resistências à inclusão, materializadas em práticas de preconceito; e c) a superação das pessoas com deficiência que vencem barreiras físicas e sociais.

**A. A.: Quais foram as noções erigidas por Foucault essenciais para essa organização do seu trabalho?**

**É. S.:** Qualquer pesquisador que toma o projeto foucaultiano como método, precisa estar ciente de que é necessário afastar-se da ideia de modelo, que pode ser aplicado a qualquer objeto. Filiar-se a Foucault significa utilizar-se de seus

pressupostos para refletir sobre questões atuais e, assim, transpondo a outros objetos, mantemos a liberdade de pensar e problematizar questões concretas e cotidianas, como é o caso da representação do corpo anormal pela mídia.

É claro que para isso, a partir de todo o empreendimento teórico investigativo de Foucault, é preciso selecionar algumas noções que conduzirão o percurso descritivo-interpretativo de uma

## **“No caso do meu trabalho de mestrado, uma das principais noções acionadas foi a função enunciativa”**

pesquisa. No caso do meu trabalho de mestrado, uma das principais noções acionadas foi a *função enunciativa*. A partir da caracterização do referencial e do sujeito discursivo de enunciados efetivamente ditos, a análise arqueogenealógica encontrou procedimentos encarregados de fixar a identidade de sujeitos com deficiência em função da proposta inclusiva, graças ao domínio e conhecimento de si e do outro. Além disso, entendemos que a formação dos três grupos permitiu a visualização dos três tipos

de governo, ressaltados por Foucault na obra *Segurança, território, população*: o governo de si mesmo, a arte de governar o estado, que pertence à política. Logo, é preciso considerar que esse processo de governamentalização está imediatamente relacionado a uma série de intervenções e controles reguladores, em uma *biopolítica da população*, caracterizada por Foucault pelo poder de “causar a vida ou devolver à morte”.

**A. A.:** E agora, no doutorado? Você continua investigando sobre a representação da deficiência?

**É. S.:** Sim, mas agora tomei como *corpus* de pesquisa outro tipo de materialidade, o cinema, que, desde o seu surgimento, tem representado de alguma forma a anormalidade. Dentre as atuais práticas cinematográficas, nós elegemos três exemplares do cinema recente, que nos chamaram a atenção ora por sua dinâmica de exibição, ora pela conquista de vários prêmios e consequente proliferação de críticas. O primeiro, que nos chamou a atenção foi o Festival Internacional de Filmes *Assim Vivemos*, promovido e patrocinado pelo Ministério da Cultura e pelo Banco do Brasil. O evento é composto por debates e filmes (de ficção, documentários e animações)

produzidos em diversos países sobre a temática da deficiência. Para este estudo, selecionamos os documentários exibidos e premiados no festival de 2007. Em seguida, elegemos dois filmes longametragem, um brasileiro, *Colegas*, e um francês, *Intocáveis*.

Mais uma vez, a noção de enunciado é essencial nesse processo, pois abre uma possibilidade teórica de escavar arqueologicamente os elementos significativos que compõem a organização fílmica. E outra noção importante é a do *acontecimento*, para o qual o novo não é o que é dito, mas o modo como ele é (re)

## **“tomei como corpus de pesquisa outro tipo de materialidade, o cinema, que, desde o seu surgimento, tem representado de alguma forma a anormalidade”**

produzido. De um lado a materialidade repetível do enunciado, de outro a enunciação como acontecimento que não se repete, que tem uma singularidade situada. Nessa perspectiva, em relação às sequências fílmicas selecionadas, questionamos de que modo suas condições de produção atribuem a elas um *status* de “acontecimento discursivo” e não apenas mais uma recorrência ao tema da defici-

## **“nessa arquitetura discursiva cinematográfica, entra em jogo o reconhecimento dos dispositivos, da ordem do visível e do enunciável”**

ência/anormalidade no cinema – já que essa representação ocorre desde o surgimento da sétima arte.

Além disso, entendemos que nessa arquitetura discursiva cinematográfica, entra em jogo o reconhecimento dos dispositivos, da ordem do visível e do enunciável, que atuam sobre a produção discursiva, favorecendo desdobramentos sempre estratégicos. É importante ressaltar que estamos considerando aqui que o cinema é um dispositivo tecnológico, sociocultural e institucional, mas, numa perspectiva discursiva essas dimensões estão à serviço de outros dispositivos que regulamentam as práticas discursivas vigentes em um período histórico específico, em uma dada sociedade. Dito de uma perspectiva foucaultiana, o dispositivo cinematográfico é um operador material estratégico, que está ligado às funções gerais de diversos dispositivos de verdade e de poder que se exercem em níveis diferentes em nossa soci-

idade. O cinema faz parte, portanto, de um conjunto de elementos – discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas, dentre outros – que compõem uma rede, cuja trama possibilita estabelecer relações entre o dito e o não dito. Tomamos, então, a noção de dispositivo como o eixo condutor de reflexão, sinalizando com esse movimento, sua produtividade teórica no campo discursivo.

**A. A.: Uma vez trabalhando com materialidades visuais, como a imagem é considerada em todo esse percurso analítico-interpretativo?**

**É. S.:** O trabalho de cunho monográfico foi um primeiro e pequeno passo que oportunizou o despertar para uma preocupação metodológica na análise de imagens. Foi possível, pela subdivisão das vinhetas em cenas, tecer as primeiras sistematizações que permitiram demonstrar algumas articulações possíveis entre seus elementos constituintes nos níveis emocional, composicional, sonoro, verbal, visual, estético e discursivo – categorias essas elencadas pela professora Ismara Tasso.

No mestrado refinamos um pouco mais os procedimentos de “leitura de imagens”. Consideramos que há um saber técnico que coloca em funcionamento uma

linguagem específica para produzir determinados efeitos e não outros. Assim como ocorre com a linguagem verbal, o campo imagético também depende de estratégias e mecanismos próprios a essa linguagem, como cor, perspectiva, textura, tom e movimento. Entretanto, esse campo imagético não apenas “reproduz a realidade”, mas também opera sentidos por meio do que se encontra na invisibilidade do texto, em sua materialidade discursiva. Temos, então, que percorrer dois caminhos para “ler” essas imagens: primeiramente é preciso descrever o que se encontra em cena, o que está na visibilidade do texto imagético e, em seguida, é necessário interpretar o que está em sua invisibilidade, o que implica agenciar a relação entre

**“[...] é necessário interpretar o que está em sua invisibilidade, o que implica agenciar”**

história e memória para que se compreenda as condições de emergência e de existência enunciativas e as relações de força envolvidas.

Agora, na tese, tomando o cine-

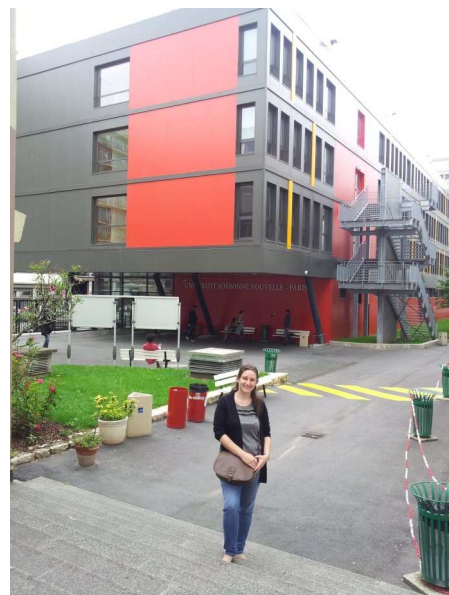


ma como espaço de investigação, concebemos que as condições estéticas, técnicas e tecnológicas definem modos de combinações do visível e do enunciável próprias a cada formação histórica. O cinema é, desse modo, um espaço material de entrecruzamentos discursivos que sustentam a leitura da realidade. É nesse sentido que os dispositivos teórico-metodológicos foucaultianos contribuem para pensarmos o processo de produção cinematográfica como um processo discursivo, cuja linguagem agencia os modos de representar e interpretar o real/a realidade.

**A. A.: E quais são suas expectativas para o estágio aqui na França?**

**É. S.:** As melhores possíveis. Agradeço imensamente à CAPES, à UEM, à professora Ismara Tasso e ao professor Philippe Dubois por terem viabilizado essa experiência. Acredito que este será um período fundamental para o avanço da tese, já que terei a oportunidade de entrar em contato com alguns teóricos que são nossa referência nos estudos, seja por meio de seminários, colóquios ou pelos materiais disponíveis nas bibliotecas, muitos não traduzidos para a língua portuguesa. Acredito que a pesquisas serão muito produtivas, visto a inegável referência da França, tanto em relação aos estudos discursivos como no âmbito das produções e pesquisas sobre o cinema. Além disso, é um privilégio conhecer a cultura francesa e, claro, o amadurecimento pessoal que essa experiência

proporciona.



**Entrevista Realizada na Maison do Brasil e na Universidade Paris 3 em Julho de 2014 com a doutoranda Érica Danielle Silva da UEM/Paris 3 e com o doutorando Gustavo Coura Guimarães da Paris 3 (com estágio doutoral na UNICAMP de São Paulo).**



**Alex Pereira de Araújo** é Graduado em Letras (Português/Francês) pela Universidade Estadual de Santa Cruz e possui Especialização em Leitura e Produção Textual na Escola pela UESC (2004). Em 2011, obteve o título de Mestre em Letras: Linguagens e representações pela UESC. Participa do PPGMLS (doutorado) da UESB, campus de Vitória da Conquista e participa do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Montenegro como professor visitante. Currículo Lattes: [Clique Aqui!](#)



**Érica Danielle Silva** é Doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Maringá - UEM e tutora a distância no curso de Letras da modalidade de Educação a Distância na mesma universidade. Mestre em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa "Estudos do Texto e do Discurso" e graduada em Letras - habilitação Português/Inglês (2007) pela UEM. Participante do GEDUEM Grupo de Estudos do Discurso da UEM. Currículo Lattes: [Clique Aqui!](#)